



Mariana Piltcher Recuero
Colégio Mário Quintana
3º Série do Ensino Médio
Crônica Reflexiva

A Verdadeira Política do Café com Leite

Esses tempos, revendo fotos antigas, lembrei-me das brincadeiras da infância. Bons eram os tempos que corríamos na praça e disputávamos o esconde-esconde. Sempre havia aquele que queria o encanto, mas não o fardo da brincadeira. Queria apenas estar. A este dávamos o título de "café com leite", era a nossa maneira de agregar. Não se sabem os motivos. Seria uma fuga do castigo de ser o escolhido a contar ou era apenas um dia ruim, sem muito ânimo para as brincadeiras? Não importa. Era esse o jeito que ele queria participar e assim o fazia.

Quando pequena, 5 anos talvez, via o meu irmão jogar videogame, queria jogar também. Garanto que a resposta esperada para um guri de 10 anos seria "não", mas um "não" afirmo a ti que não era. Eu podia participar. No entanto, não me perguntem se meu controle estava realmente conectado ao console, pois a essa pergunta prefiro não saber responder, me guardo à fantasia de criança. Mas, se eu era feliz por estar junto dele, ah, isso me perguntem! Com certeza, eu era.

É claro, há sempre quem adultifique a situação e diga ser uma grande malvadeza do meu irmão mais velho. Não vejo assim. Era o jeito da criança de agregar. Se há algo de errado nisso, está em nós, pessoas crescidas, que perdemos a sensibilidade de nos alegrarmos por simplesmente estar, e só.

Não me entenda mal, caro leitor, é que na velocidade do mundo, com seus giros cada vez mais rápidos e objetivos, nos desvencilhamos da simplicidade da criança de mudar as regras para o que realmente importa no jogo: quem está lá. Vamos em uma busca eterna pelo game over. Para nós o controle desconectado não tem a menor utilidade, porque nos tornamos um pouco assim, objetivos. Mas em busca do quê? Também não sei, não me façam perguntas difíceis, ora!

Com os olhares voltados a nossas limitadas razões, perdemos a capacidade de entender os motivos desconhecidos dos outros e de, assim, conceder a eles o título de café com leite quando preciso for. Permitindo-lhes participar e serem felizes só por estar.

Felizes aqueles que retornam aos tempos de criança e resgatam de lá a velha política do café com leite - não aquela que nos contam os livros de história, mas a outra pela qual nos alegramos por estar juntos, ainda que com o controle desligado. Felizes os que valorizam a companhia e fazem da presença o seu bem maior.

Que saibamos, portanto, estar próximos e entender que por vezes queremos ser felizes apenas pela presença, sem entrar na brincadeira por completo. Se esse é o normal, se nascemos assim...também não me perguntem! Eu não sei. Mas, se não for, agora sugiro que esse o normal seja.

Parecer avaliadores SAS

O texto de Mariana Piltcher Recuero foi uma agradável viagem à infância com situações engraçadas e inusitadas. Situações que hoje, diante do isolamento, adquirem outro sentido, fazem o maior aborrecimento parecer uma doce lembrança só pelo fato de estar junto de alguém.